"Nada é inevitável e uma Guerra Fria também não o é. Ainda há espaço para sabedoria política e gestão de bastidores"

As instalações da Nova SBE recebem amanhã e sábado estadistas, Prémios Nobel, académicos e ativistas vários para debater Um Futuro de Esperança. Um dos oradores destas Conferências do Estoril é Danilo Türk, antigo chefe de Estado da Eslovénia e ex-candidato a secretário-geral da ONU. Entrevistado pelo DN por Zoom, o atual presidente do Club de Madrid considera que, apesar da invasão russa da Ucrânia e da crescente tensão entre os Estados Unidos e a China, nada obriga a que o mundo caminhe para uma confrontação generalizada, ainda há tempo de defender a paz.

Leonídio Paulo Ferreira
31 Agosto 2023 — 00:11

TÓPICOS
- Conferências do Estoril
- Internacional
- guerra fria
- Internacional
- Eslovénia

© Cesar Luis de Luca/via Getty Images

Esta guerra na Ucrânia é mais do que uma guerra num país, é um desafio para as democracias mundiais, especialmente na Europa?
Na verdade, esta guerra é um desafio para a paz e a segurança internacionais. Penso que o problema imediato que as democracias têm é não estarem preparadas para uma guerra com estas proporções, pois falta-lhes a perspetiva histórica desta guerra em particular. Também há falta de visão estratégica de como esta guerra vai acabar e o que deve vir a seguir. Tudo isto são desafios para as democracias. As democracias não são diretamente afetadas no sentido em que existe uma intervenção da segurança internacional global em relação a essas ameaças, mas, como já disse, as democracias não têm uma perspetiva histórica desta guerra e também lhes falta a visão estratégica.

Relacionados
Onésimo Teotónio Almeida. "Trump é o perfeito negativo do retrato dos valores democráticos. Age como um rei ou imperador"
Guerra Na Ucrânia. Erdogan e Putin deverão reunir-se na próxima segunda-feira
Guerra Na Ucrânia. Seis militares ucranianos morreram na queda de dois helicópteros

Este expansionismo russo foi uma surpresa para si, pessoalmente, ou é uma tendência que se tem vindo a verificar há muitos anos?
Não foi completamente uma surpresa porque a situação estava periclitante há alguns anos, pelo menos desde 2014, mas esta situação é muito complexa e não devemos querer simplificá-la em demasia. A agressão russa estava a desenvolver-se há alguns anos, não só desde 2014, mas já antes. Para que se consiga encontrar uma solução, no futuro, para esta guerra é preciso estudar as suas origens e ter uma perspetiva histórica, que é muito mais complexa do que parece hoje em dia.

Falemos um pouco sobre a China e os Estados Unidos. Antes desta guerra na Ucrânia a tensão estava toda concentrada na rivalidade da China com os EUA. Pensa que podemos vir a ter, no futuro, que será inevitável, uma nova Guerra Fria, ou um novo tipo de Guerra Fria, entre a América e a China?
Em primeiro lugar, eu não acredito que alguma coisa seja inevitável. Não existe inevitabilidade na História. Nada é inevitável e uma Guerra Fria também não o é. Penso que ainda há espaço para sabedoria política e gestão de bastidores. Acabei de ler um artigo do proeminente jornalista americano Howard W. French cujo título é Quase nada vale uma guerra entre os Estados Unidos e a China, onde ele recorda a ligação da Guerra do Vietname com os problemas com a Ásia decorrentes dessa guerra e se manifesta contra a forma quase sonâmbula como se está a entrar numa nova Guerra Fria ou talvez uma guerra total. Portanto, penso que não é uma inevitabilidade e que é muito importante que os intervenientes internacionais tentem encontrar outro caminho e um novo equilíbrio para o mundo. Obviamente, para fazer isso agora é necessário encontrar um novo rumo para sair da guerra e tentar evitar a todo o custo uma nova Guerra Fria.

Subscreva as newsletters **Diário de Notícias** e receba as informações em primeira mão.
Endereço de e-mail | SUBSCREVER

Danilo Türk foi presidente da Eslovénia entre 2007 e 2012, período em que lidou com estadistas como o português Cavaco Silva (foto é de uma reunião em Budapeste do chamado Grupo de Arraiolos).

PUBLICIDADE · CONTINUE A LEITURA A SEGUIR

Em relação à sua experiência no sistema das Nações Unidas - foi o primeiro embaixador esloveno na ONU e foi candidato a secretário-geral -, pode dizer-se que ainda olha para a ONU como uma organização que pode desempenhar um papel importante na tentativa da procura de paz na Ucrânia e na tentativa de evitar este conflito entre a China e os EUA? Pensa que a ONU ainda é um ator de primeira linha nas relações internacionais?
A ONU tem mudado ao longo do tempo e tornou-se uma organização muito prática, concentrada em variados problemas, inclusivamente em questões de assistência em alguns aspetos, e deixou de ser um fator importante no estabelecimento da paz. Penso que os desenvolvimentos nas últimas décadas fizeram com que o papel da ONU ficasse muito diferente, mas isso não significa que a organização não possa ser útil, pois os intervenientes mais importantes são membros do Conselho de Segurança que se optarem por usarem a sua influência a ONU pode tornar-se novamente um instrumento muito útil. Não nos esqueçamos de como a ONU atuou para pôr fim à guerra Irão-Iraque. Isso aconteceu porque houve cooperação entre os membros. Houve outras situações em que foram feitos pedidos de proteção à ONU e essa proteção ainda existe. Agora, em relação à atual guerra na Ucrânia, acho que as Nações Unidas não podem desempenhar um papel neste

PUBLICIDADE

Não Perca
DINHEIRO
Economia desacelerou com a Jornada do Papa em Portugal
CULTURA
Gabriel Alves: simplesmente enorme
SOCIEDADE
Habitação como direito humano: vem aí uma "revolução" na regulação d...
DINHEIRO
Transportadora da Carris Metropolitana paga salários abaixo da lei a imigrantes
INTERNACIONAL
Kiev acusa oligarca que lançou Zelensky

PUBLICIDADE

momento, pois um acordo não é possível com as posições dos envolvidos. Portanto, não penso que seja provável que haja uma mudança em breve. Também é importante compreender que a ONU não teve muito sucesso ao lidar com a situação ucraniana em 2014 e 2015. Os Acordos de Minsk foram portas estreitas que o Conselho de Segurança abriu, mas não houve seguimento para manter essa abertura. Foi assim que a ONU falhou na resolução do problema na Ucrânia, porque não conseguiu que as negociações avançassem, e isso é um problema da ONU hoje em relação à Ucrânia ou a qualquer outra grande questão de segurança.

> **"Em relação à atual guerra na Ucrânia, acho que as Nações Unidas não podem desempenhar um papel, neste momento, pois um acordo não é possível com as posições dos envolvidos."**

Temos estado a falar de guerra e outras questões de segurança, mas há outros grandes desafios para o mundo, como as alterações climáticas, desigualdades económicas. Como é que acha que o mundo pode lidar com elas? A comunidade internacional consegue lidar, por exemplo, com as alterações climáticas, ao mesmo tempo que tem de lidar com a guerra na Ucrânia?
Penso que deve ser possível, porque é a única maneira de sobrevivermos. Temos de compreender a premência do problema. Tem toda a razão quando diz que há uma acumulação de desafios, de perigos e ameaças. O problema das alterações climáticas em cima de tudo o resto tem um efeito cumulativo, por isso eles têm de ser tratados em conjunto. É por isso que eu, e muitos outros, falamos de uma abordagem abrangente a todas essas diferentes questões e sugerimos uma grande conferência das Nações Unidas com cimeiras que começam neste ano, como a Cimeira dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável no próximo ano e em 2025. É importante abordarmos estas questões de uma forma abrangente e coordenada.

PUBLICIDADE • CONTINUE A LEITURA A SEGUIR

Com a chanceler alemã Angela Merkel.

Atualmente preside ao Club de Madrid. Como é que uma organização deste tipo pode ter alguma influência nas decisões políticas importantes?
Bom, é preciso percebermos que é formado por ex-presidentes e primeiros-ministros, é uma grande organização e funciona em duas vias: uma é baseada na experiência dos nossos membros que, muitos deles, trabalham em vários projetos que abrangem grandes questões que vão afetar o nosso futuro. É uma área em que eles são muito ativos. Temos uma longa lista de ex-presidentes e primeiros-ministros que trabalham em diversas circunstâncias. Uma coisa é aquilo em que os membros individuais do Club de Madrid estão envolvidos, que são projetos muito sensíveis e complexos, outra coisa é a organização como um todo, que trabalha diretamente com outras organizações e mesmo com as Nações Unidas, como é o caso da Cimeira do Desenvolvimento Social. O secretário-geral da ONU, António Guterres, também é membro do Club de Madrid, não é um membro ativo agora, devido às funções que desempenha, mas faz parte do Club. Nós somos também apoiantes da cimeira entre a União Europeia e a América Latina, que teve lugar há umas semanas em Bruxelas. Temos fomentado e trabalhado essa cooperação, que consideramos vital desde há vários anos, e estamos muito felizes por ver essa cimeira acontecer. É importante que a UE, em Bruxelas, comece a pensar seriamente na América Latina. A verdade é que o documento final dessa cimeira é muito inovador e vai ter de ser estudado muito cuidadosamente.

PUBLICIDADE • CONTINUE A LEITURA A SEGUIR

A Eslovénia foi o primeiro país da antiga Jugoslávia e tornar-se membro da União Europeia, logo em 2004. Na sua experiência pessoal, a adesão da Eslovénia foi um momento importante, não só a nível económico, mas também em termos de democracia e da consolidação do processo da construção democrática?
Na verdade, foi uma fase muito importante no nosso país, historicamente falando. Estamos verdadeiramente felizes por sermos membros da UE e a Eslovénia é um dos seus membros mais leais e compreende a complexidade e as necessidades da União, como um todo. É mesmo muito importante e uma das vantagens é um novo espaço económico que mudou a nossa economia, o nosso sistema social, tudo. Também foi muito importante para a consolidação da democracia, pois a UE é um projeto que ajuda a fortalecê-la, assim como às instituições democráticas. Por tudo isso, fico muito feliz por ser membro da União Europeia.

Danilo Türk ouvido na ONU em 2016 durante o processo que levou à escolha de um novo secretário-geral da organização. Apesar da sua experiência nas Nações Unidas e como presidente esloveno, António Guterres foi a escolha final.

Em relação ao futuro alargamento da UE, pensa que os Balcãs Ocidentais devem ser uma prioridade? Agora fala-se muito da Ucrânia, há também a Turquia... Acha que serão possíveis novos alargamentos sem redefinir a estrutura organizacional da União?
Penso que os Balcãs Ocidentais já deviam estar na UE há algum tempo. Estão localizados geograficamente no meio da UE, rodeados por países do bloco, não estão fora da União Europeia. Houve agora uma reunião em Atenas por ocasião do 20.º aniversário da Cimeira da UE que decidiu que os países dos Balcãs deviam entrar na União num passo acelerado. Isso teve lugar há 20 anos e pouca coisa aconteceu desde então. Nós ficaremos especialmente agradados com a entrada dos Balcãs Ocidentais, e penso que lhes deve ser dada a oportunidade de se moverem mais rapidamente, especialmente um país como a Macedónia do Norte, que já demonstrou um empenho verdadeiramente forte, assim como os outros países. Acho que os Balcãs Ocidentais devem ser tratados como um projeto separado e que lhes deve ser dada prioridade e, só depois, ser considerado um maior alargamento. A Ucrânia tem, neste momento, necessidades especiais por estar no meio de uma guerra.

Em relação à Turquia, acha que o país ainda é um candidato. Será possível que a Turquia ainda venha a ser, um dia, membro da UE?
Em teoria, sim, mas penso que a Turquia vai numa direção diferente da UE, neste momento. Houve um período em que houve uma maior proximidade, mas agora acho que se estão a afastar mais. Portanto, não vejo nenhuma mudança política que empurre a Turquia na direção da adesão num futuro próximo. A Eslovénia foi um dos membros que apoiou a candidatura da Turquia, mas isso foi há muitos anos e as coisas mudaram muito desde então.

Com a Rainha Isabel II de Inglaterra.

A Eslovénia e Portugal são dois países pequenos. Os líderes de qualquer um dos dois países conseguem pesar na cena internacional? Da sua experiência pessoal, como presidente da Eslovénia, pensa que quando falamos somos ouvidos ou são só as grandes potências que são ouvidas?
Acho que um só membro a falar sozinho não é ouvido, é preciso saber-se o que se está a dizer de forma que seja interessante para os outros. É obviamente um desafio para um país pequeno, mas não se deve partir do princípio de que não somos ouvidos. Em segundo lugar, acho que os países mais pequenos podem trabalhar juntos e, se juntarem as suas vozes, são mais e melhor ouvidos. Eu fui presidente ao mesmo tempo que o Presidente Cavaco Silva e nós tivemos bastantes negociações comuns em que unimos as nossas posições dentro da União Europeia. Claro que devo ser realista e explicar que há também o lado de Portugal ser um país muito antigo e ter sido uma das maiores potências mundiais há alguns séculos, que chegou a dividir o mundo com a Espanha. O que eu quero dizer é que Portugal tem uma História diferente e o que acumulou em experiência histórica faz com que não seja surpreendente que um português, Durão Barroso, tenha sido presidente da Comissão Europeia e que António Guterres seja o secretário-geral da ONU... Isso não é uma coincidência, vem da importância histórica. Portanto, os países mais pequenos devem ser bastantes bons a utilizar a faculdade de não serem uma ameaça, ou seja, os pequenos não são ameaçadores, donde têm uma liberdade adicional e têm de usar essa liberdade com sensatez e responsabilidade para serem ouvidos. Se trabalharem em conjunto é muito provável que sejam ouvidos.

> **"Em geral, o que eu espero das Conferências do Estoril são ideias inspiradoras, pois a estrutura do programa é de tal forma ambiciosa que acredito que também vão surgir muitas ideias ambiciosas."**

Quais são as suas expectativas em relação a estas Conferências do Estoril? Qual é o seu objetivo ao participar nestas Conferências?

Em geral, o que eu espero são ideias inspiradoras, pois a estrutura do programa é de tal forma ambiciosa que acredito que também vão surgir muitas ideias ambiciosas. Eu próprio gostaria de falar sobre a democracia que temos estado a ver sob ameaça. Para que a democracia possa prosperar temos de descobrir novas maneiras de agir, porque a democracia não tem que ver apenas com estruturas e procedimentos, a democracia são as pessoas reais, é não deixar ninguém para trás. Tem de ser um benefício para os povos e para o desenvolvimento social. Acho que estes conceitos têm estado um pouco à margem e têm de ser trazidos para o centro da discussão. As Conferências do Estoril são uma boa oportunidade, tal como outros grandes encontros, como a Cimeira do Futuro, das Nações Unidas. Portanto, estou expectante em relação às Conferências do Estoril por serem um lugar importante, onde a inspiração vai dominar.

PARTILHAR

PARTILHAR NO FACEBOOK

No Diário de Notícias dezenas de jornalistas trabalham todos os dias para fazer as notícias, as entrevistas, as reportagens e as análises que asseguram uma informação rigorosa aos leitores. E é assim há mais de 150 anos, pois somos o jornal nacional mais antigo. Para continuarmos a fazer este "serviço ao leitor", como escreveu o nosso fundador em 1864, precisamos do seu apoio.

ASSINE AQUI AQUELE QUE É O SEU JORNAL

COMENTÁRIOS

1 comentário Ordenar por Mais antigos

Adicionar um comentário...

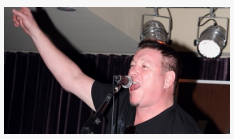
Carlos Silva

"Para que se consiga encontrar uma solução, no futuro, para esta guerra é preciso estudar as suas origens e ter uma perspetiva histórica, que é muito mais complexa do que parece hoje em dia."

Gosto - Responder - 2 dia(s)

Plug-in de comentários do Facebook

MAIS NOTÍCIAS



Morreu Steve Harwell, antigo vocalista dos Smash Mouth

Líder do PSD Madeira admite acordo com Chega

EXCLUSIVO

Tempo extra. Jogos da I Liga estão a demorar em média 104 minutos

EXCLUSIVO

Alan Arkin: um caso sério da comédia americana

Tribunal que o Chega rejeita valida candidatura às eleições na Madeira

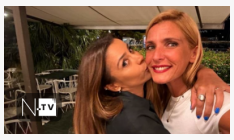
Seca: Concurso para projeto de nova barragem no Algarve lançado até ao final do mês

GNR e PSP. Sinergia e cooperação é a palavra de ordem

Universidade Nova de Lisboa lança pós-graduações gratuitas

Lagarde privilegia "atos a palavras" e não revela futuro das taxas de juro

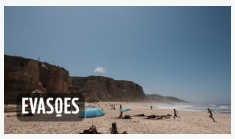
OUTROS CONTEÚDOS GMG



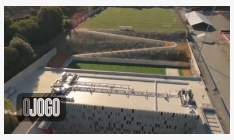
Rita Ferro Rodrigues declara-se a Inês Castel-Branco: "É minha amiga e é inacreditável"

Museus e monumentos gratuitos ao domingo e feriado para residentes a partir desta 6.ª feira

FC Porto emite comunicado e desmente FPF



Praia do Vale Furado, o paraíso bem guardado da costa atlântica



Afinal, como é a Cidade Desportiva do Braga? Assista ao vídeo

Brubaker Box, a carrinha futurista com mecânica Volkswagen

Radares geram multas de 360 mil euros em 24 horas

Maria Botelho Moniz quer trabalhar "até ao fim" da gravidez

Barros Correia: o polícia da proximidade

Quercus alerta para possível venda de terrenos públicos à indústria de celulose

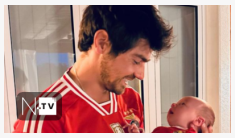
Christian Von Koenigsegg mostra como é o Gemera V8 com 2.300 cv

Acabam as férias

Seca: Operadores de citrinos querem Governo a liderar debate sobre estratégia para a água

"Feliz" depois da separação de Sara Matos, Pedro Teixeira revela quem é a "companheira" que o apoia

De um palheiro para o Motorfestival: A viagem do Kadett verde



Lourenço Ortigão fala sobre a paternidade: "Uma experiência magnífica"

Parar um ano para viajar? É mesmo assim?

Sara Tavares, a quem a vida tudo deu e quase tudo tirou

Cerco a Luis Rubiales. "Se acabó!"

Sete pecados mortais de conduzir sempre com o depósito na reserva

Hotéis somam receitas recorde com estrangeiros a compensar quebra de portugueses

Acarajé da Carol: a especialidade da Bahia ganhou segunda casa em Lisboa

Central do Arouca nas redes sociais: "Nunca vi um comportamento tão nojento..."

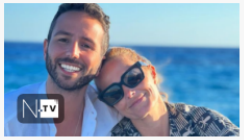
Bruno Cabrerizo regressa à TVI: "O meu passado e o meu futuro"

Jovem ferido após ser lançado ao ar por poderoso jato de água

Uma festa, cyberbullying e um desaparecimento. Eis o trailer do regresso de 'Morangos com...

FC Porto desmente FPF sobre energia do VAR e atribui culpas aos técnicos da Altice

Nico Rosberg experimenta Ferrari Monza SP1 em Fiorano



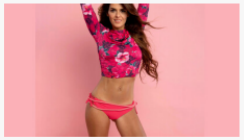
Quem é Rubinho Correia, o companheiro de viagem de Cristina Ferreira?

DN BRAND STORY

Ver Tudo

WOMENS HEALTH

Ver Tudo



NOTÍCIAS

Como Cuca Roseta insere a meditação no seu dia-a-dia

NOTÍCIAS

Sabe quanto quilómetros tem de correr para queimar as calorias de uma francesinha?

NOTÍCIAS

Especialista revela 4 truques para memorizar qualquer coisa de form...

Se assim for, diga adeus às noites em branco a tentar interiorizar slides de informação.

NOTÍCIAS

Por que motivo (o real) a noiva atira o bouquet?

Global Media Group, 2023 © Todos os Direitos Reservados

Endereço de e-mail SUBSCREVER